

O Teosofista

Notas e Informações Sobre Teosofia e o Movimento Esotérico



Número 07 -- Dezembro de 2007 -- Lutbr@yahoo.com.br

O Boletim Mensal do Website www.filosofiaesoterica.com

“Lembre-se de que o seu melhor conselheiro deve ser encontrado, e constantemente buscado, dentro de você mesmo.” [William Judge, “Letters That Have Helped Me”, Theosophy Co., p. 56.]

00

A Passagem Infinita do Tempo

Augusto de Lima



00

A cada final de ano, nos encontramos interiormente com a “vivência essencial” de outros finais de ano, passados e futuros. A seguir, um texto clássico, do Natal de 1919, sobre o ritmo do tempo eterno.

00

Mais um ano que passa ... Não: nós é que passamos mais uma etapa no Tempo. Este é imutável: nunca foi novo e nunca será velho. A humanidade só o concebe na relatividade das sucessões, dividindo-o, com o seu critério contingentemente subjetivo, em passado, presente e futuro.

Nas subdivisões em anos, meses e dias não consegue isolá-lo do Espaço, onde se operam as rotações e translações dos corpos celestes, pelas quais se guiam os calendários. Sim, transitórios somos nós, astros, rocha, flora, fauna, espécie humana. Tudo passa, menos o Tempo e o Espaço, cujas balizas se perdem no Incognoscível. Isto deve estar em todas as filosofias que não se contentam com os sonhos puros da razão, que tudo procura explicar, mas que não chega a dar “razão” de si mesma ...

Restam os Números; mas estes também não têm limites conhecidos, nem nas adições, nem nas divisões de que são suscetíveis. Os senhores matemáticos, com toda a sua pretensa exatidão, recorrem às teorias do Infinito, que eles ainda não puderam definir, como os seus colegas da física, da química e da biologia, e todos vão afinal mergulhar nesse oceano sem praias e sem fundo da Metafísica, se levam muito longe as suas investigações.

Nada, pois, nos resta, se não uma parcela mínima do Todo que desconhecemos, e é nela que o formigueiro humano se agita, organiza e desorganiza, para depois se reorganizar, até que um dia, no destino [1] do planeta que habita, com ele se dispersa no Espaço ... como poeira fecunda de outros seres, que lhe sucedem no Tempo ... Transições, transformações, vibrações na série infinita dos Números e das Formas. O formigueiro, entretanto, num instante da eternidade e num ponto do infinito, conta os seus milênios, funda e derroca impérios, ama e odeia, perpetua-se pelo amor e reduz-se pelas guerras; e numa babel de tele e microscópios, de combinações de elementos, de cosmo e teogonias, arroja a sua alma como um projétil na poeira dos astros, em busca deste Incognoscível, perante o qual estaca na confusão das línguas, mas que ele, o formigueiro humano, continua a afirmar nos surtos da Fé, único postigo aberto, na prisão da sua contingência, para lobrigar a infinita verdade. É também esta Fé o núcleo radioso de concentração harmônica, o ponto de equilíbrio e conservação, que impede o extermínio e o aniquilamento dos míseros seres cuja sede ingênita de verdade não se contenta com as explicações das suas ciências, filosofias e inventos, que fazem a sua alma dispersiva, insaciável e destruidora.

Crer é também amar, porque amar é afirmar uma verdade que tranquiliza o espírito, inspirando-lhe a felicidade. Foi na fraternidade pela crença comum que se formaram, no planeta humano, o que nós chamamos – as grandes nações. A fome e outros instintos são, pela lei natural, puros estímulos para o sacrifício dos fracos em benefício dos fortes. A economia não resolveu também o problema humano, porque os seus postulados resumem-se na nutrição da espécie segundo as forças de cada um. O direito faz, pela justiça, vencidos e vencedores, e na sua formalística faz do branco preto e do redondo quadrado, e só mantém a ordem enquanto a autoridade é mais forte que as massas. A consciência social da igualdade é praticamente possível, enquanto todos se conformam com as utilidades que lhes proporcionam bem-estar; mas falha ou apaga-se quando o instinto igualitário reclama o seu quinhão de existência.

Só o amor humano, gerado pela fé, inspiradora dos sacrifícios da abnegação, pode realizar a paz, a ordem, o equilíbrio. Só ele evita as rivalidades, compõe as lides, torna impossíveis os conflitos e as guerras, nucleia os povos em cada nação, e as nações numa liga imperecível. [2] Só ele é a doce autoridade persuasiva da consciente obediência dos governados aos governantes.

Seja ele o signo benfazejo do novo ano, para pacificar os povos que ainda lutam, e corroborar a paz, ainda vacilante, dos que ontem venceram, ou foram vencidos na crueza da guerra. [3]

E de olhos fitos no cruzeiro constelar, que ilumina os destinos dos povos sul-americanos, continue a marchar a nossa Pátria para a sua grandeza futura, apagados os seus ressentimentos na nobre luta [4] pelo bem comum.

NOTAS:

[1] “Destino”. No original, “fadário”, palavra hoje em desuso. (Os Editores)

[2] “As nações numa liga”. Alusão indireta à Liga das Nações, que antecedeu à ONU. (Os Eds.)

[3] Alusão à Primeira Guerra Mundial, que terminou em 1918. (Os Eds.)

[4] “Nobre luta”. No original, “nobre porfia”. A palavra “porfia” hoje está em desuso. (Os Eds.)

00000000000000000000000000000000

O texto acima foi publicado pela primeira vez em 27 de dezembro de 1919 no jornal “A Noite”, do Rio de Janeiro, sob o título “Boas Festas”. Omitimos aqui o último parágrafo, dedicado especificamente aos leitores de “A Noite”. O artigo é reproduzido da obra “Noites de Sábado”, de Augusto de Lima, Álvaro Pinto Editor, Rio de Janeiro, 1923, 414 pp., ver páginas 216-219. **Augusto de Lima** (1859-1934) foi poeta, escritor, juiz e político mineiro.

00000000000000000000000000000000

De um Debate no E-grupo “Ser Atento”: Ter Dúvidas é Algo Bom ou Ruim?

Questionar e duvidar é bom, porque não existe a suposta dicotomia entre confiar e ter dúvidas. Ainda não foi demonstrado que as duas coisas são mutuamente excludentes.

Ao contrário. As dúvidas que são reprimidas passam a ser suspeitas e depois se transformam em certezas carregadas de negatividade. Dúvidas não examinadas passam a ser descrença, derrotismo, desânimo e ceticismo pessimista. A repressão da dúvida também pode abrir espaço, inversamente, para o fanatismo e a crença cega, que formam o outro lado da **moeda falsa da ignorância**.

A filosofia esotérica ensina que uma mente aberta é inseparável de uma vida limpa, de um coração puro, de um intelecto ativo e uma clara percepção espiritual, conforme ensina a **Escada de Ouro** de H. P. Blavatsky. Ter uma mente aberta implica possuir uma autorização plena e total para questionar, duvidar, interrogar, investigar. Lamentavelmente, estas atividades são desaconselhadas e até proibidas em certas instituições religiosas e mesmo “esotéricas”.

Toda confiança que teme o surgimento de dúvidas é sempre precária e superficial. A verdadeira confiança se fortalece à medida que as dúvidas e questionamentos são examinados e enfrentados racionalmente. Se estamos caminhando e surge uma dúvida, por que não parar e examinar para onde estamos indo realmente, e de que modo?

Mas é importante, também, que se questione os questionamentos. A dúvida é frequentemente apenas uma falta de autoconfiança, ou puro medo, ou uma desculpa elegante para não viver de fato o ensinamento sagrado. O aprendiz deve ser sincero consigo mesmo e com os outros, tanto na dúvida como na certeza. O auto-exame é fundamental: ele não deve usar a dúvida como meio de fugir da verdade.

A religião da filosofia esotérica é a verdade. E buscar a verdade é ter a coragem de duvidar e de confiar profundamente. As duas funções são úteis, assim como os dois hemisférios cerebrais. O tempo esclarece todas as coisas, gradualmente, para quem tem paciência na busca do que é Real. Deste modo se pode chegar com liberdade e autenticidade à confiança plena. Mas mesmo esta confiança irrestrita estará aberta ao exame crítico, encarregado de zelar pela solidez dos seus alicerces. O constante re-exame das nossas premissas deve ser um ato livre, profundo, natural.

000000000000000000000000000000

O texto acima é uma adaptação de um debate no e-grupo **Ser Atento**. O e-grupo funciona em colaboração com o website www.filosofiaesoterica.com.

000000000000000000000000000000

Sinais de um Despertar. Durante o mês de novembro, os editores de “O Teosofista” receberam novas evidências de um fato cujo desdobramento é espontâneo: cresce o número de pessoas que observam com simpatia as linhas de trabalho do website www.filosofiaesoterica.com e deste boletim eletrônico. Isso tem ocorrido entre membros antigos e novos do movimento esotérico. A todos os nossos amigos e leitores, o nosso muito obrigado e **um feliz ano de 2008**. O mesmo voto se expande em direção a todos os seres. E que possamos, também, meditar no bem do povo brasileiro e da humanidade toda, nesta passagem de ano que acelera o nascimento de um novo ciclo.

000000000000000000000000000000

Os Teosofistas Podem Reunificar-se?



Análise Franca de Uma Pergunta Sempre Atual

The Theosophical Movement

00000000000000000000000000000000

O texto a seguir foi publicado pela primeira vez na edição de março de 2003 da revista mensal indiana “The Theosophical Movement”, sob o título “Can Theosophists Reunite?”. Para compreender melhor o contexto do artigo, deve-se levar em conta que os três objetivos do movimento teosófico são: 1) Formar o núcleo de uma Fraternidade Universal da Humanidade, sem distinção de raça, credo, sexo, casta ou cor; 2) O estudo de religiões, filosofias e ciências antigas e modernas, e a demonstração da importância de tal estudo; e 3) A pesquisa sobre as leis inexplicadas da Natureza e os poderes psíquicos latentes no homem. **(Os editores)**

00000000000000000000000000000000

Há tentativas sendo feitas hoje para que ocorra uma reunificação dos “teosofistas”. Isso levanta algumas questões fundamentais: “O que produz a unidade? Quem são os teosofistas? O que os separou?”

A verdadeira unidade é impossível se a sua base for buscada neste mundo limitado pelas formas. É no mundo das idéias e dos ideais, da mente e do coração, que a unidade deve ser buscada. Portanto, busquemos a unidade de Ideal e a unidade de Ensino.

Os Ideais têm a ver com a vida moral, com nossas mentes (pensamento, memória e antecipação), e com as emoções (afetos e rejeições, sensibilidades e sentimentos). Ninguém, exceto o próprio indivíduo, sabe quais são estes fatores. Mas há algumas grandes idéias que refletem verdades universais e que necessitam ser transformadas em realidades vivas.

A unidade da nossa Origem Espiritual, que surge do conceito de uma Divindade Impessoal, deveria produzir tolerância e Fraternidade.

Um Corpo de Sabedoria (ou Conhecimento) implica uma fonte comum de Verdade a partir do qual todos podem receber ajuda e orientação.

A existência de Uma Lei do Universo – “ela não conhece ódio ou perdão; totalmente verdadeira, as suas medidas medem, sua balança impecável pesa; o Tempo é como um nada, ela julgará amanhã, ou depois de muitos dias” [1] – deveria levar ao desapego, à generosidade, à harmonia e à concórdia.

A idéia de que o universo evolui como um todo, e de que o progresso de cada um depende do progresso geral de todos, produz não-violência, contentamento com a nossa situação objetiva, e uma inclinação a deixar que os outros tenham o seu lugar correto no esquema geral das coisas. Isto leva à percepção de que o aperfeiçoamento do ser humano é uma possibilidade para cada um de nós e que se tornou um fato para aqueles que trabalharam por esta meta no passado. A Loja dos Mestres pode ser encarada como um fato objetivo.

Quem é um teosofista? Uma pessoa que aprecia os três objetivos do Movimento Teosófico como formulados em 1875 não pode, na realidade, devotar-se a um deles e dar escassa atenção aos outros dois. Se ele fizer isso, ele penderá demasiado para um lado, assimetricamente. O termo “teosofista”, na verdade, pode ser aplicado não só a um membro ou associado de um grupo ou outro, mas a todos os praticantes da vida Teosófica, ou Ética divina, e da Filosofia única universal, a Religião de Sabedoria. O verdadeiro estudante de Teosofia se torna, ou é, um ocultista.

O que causou a separação entre organizações de teosofistas? Há muitas razões para este fato, e uma recapitulação ou análise delas deve ter um só propósito – evitar a repetição dos erros. Se a unidade no plano físico é desejada, então ela deve ser antecedida pela unidade nos planos internos, da mente e do coração, e por uma redefinição dos nossos próprios objetivos e metas, que devem estar alinhados com o Impulso original.

Onde se pode encontrar as Linhas estabelecidas pelos grandes fundadores do Movimento Teosófico? Nos escritos e ensinamentos de H.P.B., a Mensageira dos Mestres para a era atual – onde mais? Será que aqueles chamados “teosofistas” que aceitaram outros como seus professores e que ignoram ou subestimam HPB e seus ensinamentos sabem Teosofia? Quantos deles aceitam o que é falso como verdadeiro sem verificar as coisas por si mesmos! Esta indiferença leva a atitudes parciais e a falsas pretensões, e dá lugar à desunião.

A Unidade tem que ser buscada em questões de princípio, e os detalhes externos cuidarão de si mesmos. Se cada um prestar atenção a seu próprio trabalho, suas próprias virtudes, e tentar seriamente reduzir seus verdadeiros erros, a unidade surgirá automaticamente.

Nós não necessitamos grandes números de indivíduos chamando a si mesmos de “teosofistas” e fingindo no plano externo que estão “unidos”. Necessitamos uma harmonia interna e uma

unidade de propósito, de meta e de ensinamento, algo que se alcança através do estudo individual, do discernimento, e do sacrifício.

NOTA:

[1] O texto cita aqui o livro oito da obra “A Luz da Ásia”, de Edwin Arnold, Theosophy Company, Los Angeles, 1977, ver pp. 218-219. Esta passagem também é citada por Robert Crosbie no livro “The Friendly Philosopher”.

00000000000000000000000000000000

Pensamento Para Meditar Sobre o Brasil:

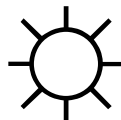
“Sejamos nós o primeiro povo que apresente o quadro prático dessa paz divina, dessa concórdia celeste, que deve, um dia, ligar a todo o mundo e fazer de todos os homens uma só família.”

[Manifesto maçônico do Grande Oriente do Brasil, datado de 17 de junho de 1822, assinado por **José Bonifácio** e redigido por **Joaquim Gonçalves Ledo**. Em “História do Grande Oriente do Brasil - A Maçonaria na História do Brasil”, José Castellani, publicação do G.O.B., Poder Central, Brasília, DF, 1993, 397 pp., ver p. 88.]

00000000000000000000000000000000

Racismo em Literatura “Teosófica”?

Annie Besant e C.W. Leadbeater Defenderam Teses Pré-Nazistas



“A raça branca deve ser a primeira a estender a mão da fraternidade aos povos de cor escura e a chamar de ‘irmão’ o pobre ‘negro’ desprezado. Esta perspectiva pode não agradar a todos, mas não é teosofista aquele que se opõe a este princípio.”

[Macha-Chohan, o Mestre dos Mestres de H.P. Blavatsky, que inspiraram a criação do movimento teosófico. Em 1882. Ver “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, Ed. Teosófica, p. 18.]

“Por fim, vem o pior, os chamados mestiços, meio sangue – raça mesclada que parecia, como às vezes acontece com este tipo de raça, combinar todas as piores qualidades das raças de ambos os progenitores.”

[Charles W. Leadbeater, ao descrever o povo brasileiro em sua obra “Salvo por um Espírito”, Ed. Pensamento, S.P., p. 110.]

O povo brasileiro tem uma alma mestiça e multicultural. A miscigenação é o ponto forte da formação do país. Os brasileiros sentem orgulho da sua origem negra, indígena, mulata, cabocla, misturada. Com razão José Bonifácio, o patriarca da independência, escreveu:

“Nós não reconhecemos diferenças nem distinções na família humana: serão tratados por nós como brasileiros o chinês e o português, o egípcio e o haitiano, o adorador do Sol e o de Maomé.” [1]

O Brasil é uma nação jovem. Gente de todos os povos da Terra foi e é bem-vinda em nossa terra. Somos uma amostra ampla e continental da diversidade humana. O racismo é, inclusive, definido como crime inafiançável no artigo 5, inciso XLII, da Constituição Federal de 1988. Como, então, poderiam ser aceitas por alguém, neste país indígena, negro e mulato, as teorias raciais anti-fraternas defendidas por Charles W. Leadbeater e Annie Besant, e que ainda hoje circulam em meios teosóficos?

Não há nada mais democrático (no sentido de fraternidade entre todos os seres) do que o movimento teosófico em sua concepção original. “A raça branca deve ser a primeira a estender a mão aos povos de cor escura e a chamar de ‘irmão’ o pobre ‘negro’ desprezado”, ensinou o Mestre.

O primeiro objetivo do movimento teosófico, criado em Nova Iorque em 1875, é a construção de um núcleo de fraternidade universal que não leve em conta fatores como raça, credo, sexo, casta, ideologia ou classe social. No entanto, após a morte de Helena Blavatsky em 1891, a proposta original do movimento foi abandonada e Annie Besant deixou-se levar por outras influências.

Felizmente, cada vez mais gente vem descobrindo a verdadeira teosofia – mas ainda há muito por fazer. Entre as tarefas que necessitam ser realizadas está a de identificar, examinar e descartar as concepções errôneas da doutrina de Besant e Leadbeater, ainda hoje amplamente misturadas à filosofia autêntica.

Um pontos mais lamentáveis da doutrina dessa dupla de autores é a idéia de que os líderes espirituais devem ser vistos como seres infalíveis, e que devem concentrar todo o poder em suas mãos. Este tipo de liderança surgiu no movimento esotérico em torno de 1907, antecipando, de modo extremamente infeliz, as doutrinas políticas do fascismo de Benito Mussolini e do “nacional-socialismo” de Adolf Hitler. Tais movimentos políticos, baseados em doutrinas sobre seres humanos “superiores” e “inferiores”, floresceram na década de 1920, com o apoio discreto do Vaticano.

No entanto, a teoria autoritária da liderança “absolutista” é apenas uma das várias distorções e falsificações do ensinamento teosófico original. Outra moeda falsa atualmente circulando – que o movimento teosófico deve ter a coragem de denunciar abertamente – está nas “teorias raciais” expostas em obras de Charles W. Leadbeater.

Falso clarividente, considerado um crápula pelo líder da independência indiana Mahatma Gandhi, o sacerdote Charles Leadbeater evitou habilmente as investigações policiais de que foi alvo na Austrália. Expulso da Sociedade Teosófica por Henry Olcott em 1906, ele voltou

a controlar a Sociedade de Adyar, graças a Besant, logo após a morte de Olcott em fevereiro de 1907.

É verdade que Radha Burnier, a atual presidente internacional desta Sociedade, não defende as obras “teosóficas” de Leadbeater. Ela não o faz em público, e não o faz em conversas privadas. Anos atrás, uma teosofista brasileira – pessoa sincera, experiente e influente – disse à sra. Radha em conversa pessoal que “não podia aceitar Leadbeater” como um autor teosófico digno de consideração. E explicou os seus motivos, que eram sólidos. A sra. Radha limitou-se a responder:

“Está bem, mas você não precisa fazer um escândalo por causa disso”.

Esta política oficial de acobertamento – que já dura pouco mais de um século – vem perdendo a sua eficácia.

Não é possível enganar a todos o tempo todo. A justiça e a verdade tardam, mas não falham. Não se trata apenas de esclarecer as falsidades de uma literatura que se apresenta como teosófica e não é, porque defende pontos diametralmente opostos à filosofia esotérica. Há uma estrutura de poder e de movimento teosófico que é inspirada pelas “visões” de Leadbeater e Besant e que dificulta enormemente o trabalho do movimento e impede a sua livre renovação.

Em sua obra “**Salvo Por Um Espírito**” (Ed. Pensamento, SP, 167 pp.), o escritor Charles Leadbeater orgulha-se de haver matado, em sua juventude, numerosos negros e índios brasileiros. Na verdade tais “façanhas” jamais ocorreram, embora C. W. Leadbeater e C. Jinarajadasa as tenham apresentado - e seus seguidores no Brasil ainda as apresentem - como “eventos reais”. Mas o fato de que os relatos do livro “**Salvo Por Um Espírito**” sejam apenas frutos de uma imaginação febril não justifica o seu conteúdo, que está cheio de preconceito racial, e carregado de elogios implícitos, ou explícitos, à violência contra “as raças inferiores”. Ainda que fosse apresentado como uma obra de ficção, o texto seria profundamente racista e anti-teosófico.

O livro “**Salvo Por Um Espírito**” será abordado e discutido mais especialmente em uma próxima edição de “O Teosofista”: por agora, cabe-nos examinar o que C. W. Leadbeater escreveu sobre os povos indígenas em outra obra “clarividente”, um livro que até agora é popular entre teosofistas brasileiros que consideram Leadbeater um autor aceitável. Trata-se do volume “**O Homem Visível e Invisível**”.

O capítulo XIV do livro é dedicado aos povos indígenas, que Leadbeater chama de “selvagens”. Defendendo a tese de que os indígenas são todos maldosos e destituídos de sabedoria ou sentimentos nobres, Leadbeater escreve:

“Ocupemo-nos agora do corpo *mental* do selvagem, com apoio nestes ensinamentos que, à primeira vista, podemos ver comprovados pelos fatos. Embora, no conjunto, seja um corpo mesquinho e pouco desenvolvido, demonstra que o homem realizou alguns progressos. O amarelo opaco, na parte superior, indica algo de inteligência; mas seu tom sujo denota também que se dedica exclusivamente a fins egoístas.” [2]

Compare-se estas palavras com a profunda riqueza da tradição espiritual e teosófica dos povos indígenas das três Américas. H. P. Blavatsky escreveu longamente sobre as tradições

de sabedoria dos povos andinos, que ela visitou pessoalmente nos anos 1850. H.P.B. também afirmou que os Mestres e Discípulos dos Himalaias trabalham em profunda sintonia com Mestres e Discípulos dos povos indígenas das três Américas, e são, em muitos casos, seus amigos pessoais próximos, apesar da distância geográfica. Tais iniciados dispõem de meios sutis, telepáticos, de comunicação.

Mas Leadbeater, embora se apresente como teosofista, prefere contrariar a idéia da fraternidade universal e atribuir aos povos indígenas uma inferioridade moral e ética intrínseca. Em sua descrição fantasiosa do que seria a aura dos “selvagens”, ele prossegue:

“O cinzento azulado denota devoção fetichista, temerosa e inspirada em considerações de interesse pessoal, enquanto que o carmesim lodoso da esquerda assinala os primeiros albos de um afeto eminentemente egoísta. A franja de cor alaranjada opaca denota orgulho de ordem inferior. A grande mancha escarlata expressa uma excessiva tendência à cólera, que evidentemente explode à menor contrariedade.”

Como se tais adjetivos fossem poucos, Leadbeater prossegue em seu delírio sobre a aura dos nossos irmãos indígenas:

“A larga franja verde-suja, que ocupa grande parte do corpo que estudamos, denota trapaçaria, perfídia e avareza, indicada pelo tom moreno. Finalmente observamos na parte inferior do oval uma espécie de depósito lodoso, que demonstra egoísmo em geral e ausência de toda nobre qualidade. A ausência das qualidades superiores neste corpo mental nos permite prever com certeza que, se observarmos o *corpo astral* correspondente, veremos que o seu possuidor não tem nenhum domínio próprio.”

Antecipando as teorias raciais do nazi-fascismo, Leadbeater prossegue:

“Com efeito, grande parte do corpo astral está exclusivamente ocupada pela sensualidade, que se manifesta por um repulsivo vermelho terroso (...). A trapaçaria, o egoísmo e a cobiça se acham evidentemente neste corpo, como era de se prever, e a feroz cólera se revela nas manchas vermelho-escarlata-opacas. Dificilmente se encontra neste veículo qualquer indício de afeto, e a pouca inteligência e devoção que aparecem são de ínfima ordem.”

Na mesma página, Leadbeater refere-se aos cidadãos de pele branca pelo pronome “nós”, logo depois de catalogar o indígena como desprezível:

“É um ser muito repulsivo; contudo, todos nós passamos por esta fase, e as experiências colhidas nos elevaram a uma condição algo mais pura e nobre.”

Durante o período do escravismo e da dominação colonial, as teorias e idéias racistas serviam como propaganda para justificar a dominação e o massacre dos povos indígenas, sob as armas dos “povos superiores”. O que Leadbeater faz, na verdade, não é novo. Escrevendo no período colonial, ele apenas adapta os velhos preconceitos racistas usados pelas grandes potências e os coloca sob uma roupagem espiritual e “teosófica”. Não é por acaso que a Sociedade presidida por Annie Besant se opôs à luta de Gandhi pela independência da Índia e deixou de criticar as religiões dogmáticas.

Na obra “**O Homem Visível e Invisível**”, Leadbeater faz um “trabalho pioneiro” em relação às teorias raciais nazistas, e finge comparar a aura ou “oval” do membro médio dos povos indígenas com a aura do “homem branco comum”:

“No oval do selvagem temos observado um verde vicioso, que indica trapaçaria aliada à avariza e ao egoísmo. As vibrações produtoras desta cor só se levantam numa matéria mais densa e grosseira do que a do escarlate, que indica cólera. Pelo contrário, o verde notoriamente mais agradável do corpo mental do homem comum transmite as suas vibrações a uma matéria um pouco menos densa que a da cor escarlate. (...) O verde melhorou de tal maneira, que indica certo grau de versatilidade e adaptabilidade, mais bem do que trapaçaria e astúcia.” [3]

Estas idéias de superioridade racial são inaceitáveis em si mesmas, e ilegais, após a proibição do Nazismo durante os anos 1940. Elas são anti-fraternas. Elas atacam diretamente a essência do movimento teosófico e esotérico, que tem como ponto de partida, e como meta central, a idéia da fraternidade universal entre todos os povos.

Em uma das Cartas dos Mestres, podemos ler:

“Sob a dominação e a influência dos credos exotéricos, sombras gigantescas e distorcidas de realidades teosóficas, sempre haverá a mesma opressão dos fracos e dos pobres e a mesma luta tempestuosa dos ricos entre si mesmos... É somente a filosofia esotérica, a harmonização espiritual e psíquica do homem com a natureza, que, através da revelação de verdades fundamentais, pode trazer aquele tão almejado estado intermediário entre os dois extremos do Egoísmo humano e do Altruísmo divino e, finalmente, conduzir ao alívio do sofrimento humano.” [4]

Os próprios mestres de sabedoria que inspiraram mais diretamente a criação do movimento teosófico eram indianos de pele escura, e como tal eram considerados “negros”, “sujos” e inferiores pelos colonizadores europeus.

Em um mundo globalmente integrado como o do século 21, as idéias racistas e pré-nazistas devem ser abandonadas, clara e definitivamente, junto com outras tantas ilusões colocadas em circulação sob roupagem teosófica por Annie Besant, com ajuda de seus assessores e sucessores. É uma bênção que haja, hoje, sinais crescentes de um novo e gradual despertar para o movimento teosófico brasileiro.

NOTAS:

[1] “Projetos Para o Brasil”, José Bonifácio de Andrada e Silva, obra organizada por Miriam Dolhnikoff, Cia. das Letras, SP, 1998, 371 pp., ver p. 176.

[2] “O Homem Visível e Invisível”, de Charles Leadbeater, Ed. Pensamento, São Paulo, 1967, trad. de Joaquim Gervásio de Figueiredo, 132 pp., ver p. 87.

[3] “O Homem Visível e Invisível”, obra citada, pp. 92-93.

[4] “Cartas dos Mestres de Sabedoria”, editadas por C. Jinarajadasa, Editora Teosófica, Brasília, 1996, 296 pp., ver Carta 82 da segunda série, pp. 265-266.

estabelecidos, mas a todos os eventos da vida e ao comportamento do chela probatório diante deles. Não há um *lugar* ao qual os interessados possam dirigir-se e no qual o seu pedido possa ser feito, porque estas questões não têm a ver com lugares ou com dirigentes: este é um assunto da natureza interior. Nós *nos tornamos* chelas; nós obtemos esta posição na realidade porque nossa natureza interior está até suficientemente aberta para que possa receber o conhecimento: nós recebemos a recompensa das mãos da Lei.

Em um certo sentido, todo membro sincero da Sociedade Teosófica está no caminho para tornar-se um chela, porque os Mestres fazem parte do Seu trabalho pela humanidade através desta Sociedade, selecionada por Eles como Seu instrumento. E como *todo* o trabalho e aspiração deles visam a ajudar a raça humana, nenhum dos Seus chelas pode ter a esperança de permanecer como tal (ou alguém de tornar-se chela) se a motivação para tentar ser um chela for um desejo egoísta de possuir pessoalmente riquezas espirituais. Uma tal motivação, no caso de alguém que já seja chela, atua instantaneamente afastando-o do chelado, quer ele esteja ou não consciente desta perda; e no caso de alguém que esteja lutando para tornar-se um chela, esta motivação atua como obstáculo. Um verdadeiro chela tampouco espalha o fato de que ele é chela. Porque esta Loja não é como sociedades exotéricas que dependem de favores ou de meras aparências externas. É uma coisa real, com homens-Espírito à sua frente, governada por leis que contêm dentro de si os seus próprios mecanismos de cumprimento e execução e não requerem um tribunal, nem acusações, nem vereditos, nem notificação alguma.

(...) Eles [os Mestres] são devedores honestos e generosos e sempre recompensam. Como eles recompensam, e quando, não cabe a nós perguntar.

00000000000000000000000000000000

Texto traduzido do livro “Letters That Have Helped Me”, de William Q. Judge, The Theosophy Co., Los Angeles, 1946, 300 pp., ver pp. 40-41.

00000000000000000000000000000000

Antologia de Argumentos Ilusórios (1)

Carlos Castaneda escreveu sobre o “esquema de indulgência”, o conjunto de desculpas que o aprendiz arma para postergar a aceitação da verdade e justificar a indolência mental e espiritual. A partir desta edição, “O Teosofista” passa a examinar de perto alguns dos principais argumentos ilusórios que circulam no chamado movimento esotérico, e que funcionam como desculpas para não enxergar a verdade. Vejamos um primeiro exemplo:

“As discussões sobre o passado do movimento esotérico são, basicamente, inúteis. Temos que viver o presente. O passado não existe mais, e devemos esquecer o dia de ontem para viver o momento presente. Temos mais o que fazer: não devemos perder tempo com fatos de um século atrás.”

A pessoa que diz isso – e há alguns “líderes teosóficos” que o repetem com regularidade – está implicitamente confessando, no mesmo instante, o seu amplo desconhecimento da filosofia esotérica.

Um princípio básico da teosofia afirma que a separação entre passado, presente e futuro é externa e exotérica. O que existe é um Eterno Presente. O que foi, será. Tudo é cíclico. O passado contém as sementes do futuro. “Não há nada de novo sob o Sol”, afirma, corretamente, o Eclesiastes. Por isso a ciência e a filosofia esotéricas não discutem apenas coisas de um ou dois séculos atrás. Elas analisam os tempos de Confúcio, de Lao-tzu, de Pitágoras, de Buddha, a tradição dos povos andinos, toda a antiguidade – e não só os fatos da história do movimento esotérico moderno. Os erros e acertos do movimento teosófico no período que vai do ano de 1875 ao ano de 2025 nos dizem respeito, portanto, de modo direto, e correspondem a apenas um instante – *o instante presente* – da história humana.

Parte do **dharm**a e do dever dos estudantes de sabedoria divina, nesta primeira fase do século 21, é compreender os erros do passado, corrigi-los e tirar lições deles, assim como identificar os acertos e tomá-los como exemplos a serem seguidos na prática.

A pseudo-teosofia do século vinte – cujo prazo de validade está esgotado – é, com outra roupagem, a mesma pseudo-filosofia que, em tempos de Platão, era defendida pelos sofistas.

Para compreender a luta entre autenticidade e hipocrisia nos últimos três mil anos, é conveniente ler os diálogos “O Sofista” e “Protágoras”, de Platão. Tirando lições do passado, o estudante pode viver melhor o presente e construir um futuro mais saudável e luminoso. Nas primeiras linhas da famosa carta 88, em “Cartas dos Mahatmas”, um Mestre define com estas palavras a ciência esotérica:

“Ela é preeminentemente a ciência dos efeitos pelas causas e das causas pelos seus efeitos (...).”

Esta é, pois, uma ciência histórica, e isso fica claro pelo estudo da literatura teosófica autêntica.

000000000000000000

A Honestidade dos Políticos Brasileiros

Pensamento Positivo, Humor Amargo ou Profecia Sobre o Futuro?

O escritor brasileiro Affonso Celso – que criou junto com Augusto de Lima uma tendência literária chamada “filosofismo poético” – é mais conhecido do público pelo seu livro “Por Que Me Ufano do Meu País”, um clássico publicado pela primeira vez em 1900. A obra é um canto em prosa às belezas e às vantagens do “país do futuro”, o “gigante adormecido em berço esplêndido”. [1]

No capítulo 22 da obra, Affonso Celso descreve dez traços do caráter nacional brasileiro:

- 1) Sentimento de independência.
- 2) Hospitalidade.
- 3) Afeição à ordem, à paz, ao melhoramento.
- 4) Paciência e resignação.
- 5) Doçura, generosidade, desinteresse.
- 6) Escrúpulo no cumprimento das obrigações assumidas.
- 7) Espírito extremo de caridade.
- 8) Abertura mental que degenera, às vezes, em imitação do estrangeiro.
- 9) Tolerância; ausência de preconceitos de raça, cor, religião.
- 10) Honradez no desempenho de funções públicas ou particulares.

É sobretudo neste último ponto que o visionário Affonso Celso se demora mais. Pode-se debater se ele estava enxergando o momento histórico dos anos 1880-1900, ou se ele via algum ponto mais avançado no tempo, um pouco além do ano de 2007.

Comparado com o momento atual do país, o texto talvez desperte saudades do passado, ou pareça ter um tom de humor amargo e de autocrítica irônica. Mas, no futuro, as palavras de Affonso Celso poderão ser plenamente resgatadas como uma profecia precisa e bem formulada. Ele escreveu:

“A estatística dos crimes depõe muito em favor dos nossos costumes. Viaja-se pelo sertão, sem armas, com plena segurança, topando sempre gente simples, honesta, serviçal.

“Os homens de Estado costumam deixar o poder mais pobres do que quando nele entram. Magistrados subalternos, insuficientemente remunerados, sustentam terríveis lutas obscuras, em prol da justiça, contra potentados locais. Casos de venalidade enumeram-se raríssimos, geralmente profligados. A República apoderou-se de surpresa dos arquivos do Império: nada encontrou que o pudesse desabonar. Por ocasião desta revolução, senadores ficaram tão pobres que o novo regime lhes ofereceu pensões. Ao Imperador, que governara cinquenta anos, assegurou a Constituição Republicana meios de subsistência de que ele precisava, mas não aceitou. Quase todos os homens políticos brasileiros legam a miséria às suas famílias. Qual o que já se locupletou à custa do dinheiro público?”

Às vésperas de 2008, esta última pergunta parece mais atual do que nunca.

Seja como for, o tempo não passa em vão, e o povo brasileiro está a ganhar experiência histórica com tudo o que lhe acontece. Affonso Celso descreve corretamente o arquétipo superior e sagrado deste país.

NOTA:

[1] “Por Que Me Ufano do Meu País”, Affonso Celso, Editora Expressão e Cultura, Rio de Janeiro, 2001, edição de bolso, 238 pp., ver pp. 118-119.

000000000000000000

À CARIDADE

Augusto dos Anjos

00

Augusto dos Anjos (1884-1914) está entre os poetas brasileiros que viveram a sabedoria universal. Os versos a seguir, que podem ser lidos como uma oração, têm um sabor e um tom simultaneamente cristão e teosófico.

00

No universo a caridade,
Em contraste ao vício infando,
É como um astro brilhando
Sobre a dor da humanidade!

Nos mais sombrios horrores
Por entre a mágoa nefasta
A Caridade se arrasta
Toda coberta de flores!

Semeadora de carinhos,
Ela abre todas as portas
E no horror das horas mortas
Vem beijar os pobrezinhos.

Torna as tormentas mais calmas,
Ouve o soluço do mundo
E dentro do amor profundo
Abrange todas as almas.

O céu de estrelas se veste
E em fluidos de misticismo
Vibra no nosso organismo
Um sentimento celeste.

A alegria mais acesa
Nossas cabeças invade...
Glória, pois, à Caridade,
No seio da Natureza!

ESTRIBILHO:

Cantemos todos os anos
Na festa da Caridade
A solidariedade
Dos sentimentos humanos.

[Reproduzido do volume "Augusto dos Anjos, Obra Completa", Ed. Nova Aguilar, Rio de Janeiro, 2004, 884 pp., ver p. 491.]

